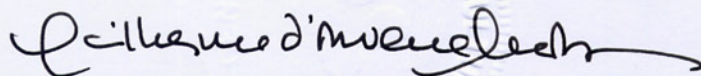


DECLARAÇÃO

O Centro Nacional de Cultura conhece bem o interesse patrimonial e cultural desta "Casa da Serra", uma vez que as referências que lhe dizem respeito têm tudo a ver com os grupos culturais que se desenvolveram na órbita do CNC, desde os anos cinquenta. Nesse sentido, vemos com preocupação a destruição deste marco fundamental do século vinte português. Aliás, de acordo com o vimos defendendo em areópagos internacionais, e já teve consagração expressa na nova Convenção Quadro sobre o Valor do Património Cultural, do Conselho da Europa, cuja redacção foi coordenada pelo signatário, a herança cultural e o património têm uma forte componente imaterial, que vai da memória à criação contemporânea. É exactamente o que se passa neste caso. Que seria a Torre de Montaigne sem a memória do grande escritor dos "Essais" ou "O Castelo" de Praga sem a recordação de Kafka? Na "Casa da Serra" temos uma associação singularíssima que envolve a geração de "O Tempo e o Modo" (1958-1969), António Alçada Baptista, João Bénard da Costa, Pedro Tamen, Helena e Alberto Vaz da Silva, Nuno Bragança, José Cardoso Pires... Aqui germinaram as ideias de um movimento inconformista que alterou o curso dos acontecimentos do Estado Novo, política e culturalmente. Nesta casa foram escritos "Peregrinação Interior" de António Alçada Baptista e "O Delfim" de José Cardoso Pires - e só estes factos já diriam muito, no entanto ao lado dessa faceta da criação, há as muitas tertúlias que aqui tiveram lugar e que tornam este lugar como uma encruzilhada única e irrepetível de memórias. Eis o que não pode ser esquecido, sob pena de o esquecimento matar a lembrança criadora.

Lisboa, 1 de Agosto de 2008



Guilherme d'Oliveira Martins

Presidente

Contribuinte N° 501 108 718

Fundado em 1945

O CNC foi:
Declarado de utilidade pública
por despacho do Primeiro Ministro
publicado no D.R.II
Série n° 207 de 6.9.84

Distinguido com medalha
de mérito cultural,
entregue pelo Primeiro Ministro
em 27.4.93

Condecorado com o grau
de Membro-Honorário
da Ordem do Infante D. Henrique
pelo Presidente da República
em 10.6.95

Está em curso no IGESPAR o processo de classificação das "casas da serra", na Covilhã, obra do Arq. Luiz Alçada Baptista.

A proposta apresentada e detalhadamente informada refere não só a qualidade arquitectónica das casas e da sua inserção na paisagem, como ainda o interesse excepcional de um sítio «convertido em lugar», também lugar de encontro da brilhante geração de «O Tempo e o Modo», na sua procura da modernidade interrompida.

Naqueles dias de desejo de mudança alguns professores e arquitectos das Escolas de Lisboa e do Porto iniciavam o «Inquérito à Arquitectura Vernacular Portuguesa». Procuravam, de forma só aparentemente contraditória, resposta(s) a uma pergunta inadiável: que modernidade?

O «Inquérito» desmontou a invenção de que existia uma «Arquitectura Nacional»; documentou e traçou a imagem de um país de múltiplas e seculares raízes culturais, mas também de abertura, ao longo da História, a múltiplas influências. Abriu assim o caminho a uma modernidade distante da atracção das vanguardas pela *Tábua Rasa*.

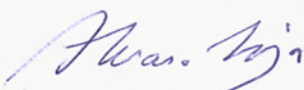
A obra do Luiz Alçada Baptista é exemplar pela continuidade e domínio daquela fecunda dicotomia. *Aquelas árvores e aquelas rochas*, de que as casas da serra fazem parte, *aquela paisagem e o modo de a habitar* (ainda que em natural transformação) explicam *aquela Arquitectura*.

Mas o Desenho reflecte também, não na forma mas como proposta espacial e de adaptação à topografia, a influência da distante arquitectura de Wright: um encontro previsível com quem, tal como ele, entendia a Arquitectura como diálogo entre a natureza e o construído.

Para lá de outras e profundas razões, é impensável a destruição de um ambiente cuja beleza se explica pela convergência do uso sábio da terra e da contemporaneidade - e intemporalidade - da Arquitectura de Luiz Alçada Baptista.

Um descuido seria imperdoável.

25/10/2009



Álvaro Siza

**A propósito do monumento histórico, arquitectónico, paisagístico e ecológico da
"Tapada do Dr. António" no Parque Natural da Serra da Estrela**

Para além da fortíssima componente imaterial inerente ao sítio e às habitações, particularmente a da "Casa da Serra" na "Tapada do Dr. António" testemunho dum dos mais fecundos e transformadores períodos da nossa cultura moderna, em torno do movimento do "Tempo e o Modo", é absolutamente chocante que um estudo de impacto ambiental venha referir as construções existentes como "habitações descaracterizadas que se adivinham ampliações de antigas, noras pela proximidade de um canal", advogando a sua anulação para a construção duma bacia hidrográfica.

Tal ignorância, que infelizmente campeia no nosso "pequeno país", servirá, no entanto, a promover, não inocentemente, um eventual gravíssimo acto de lesa-património duma arquitectura particularmente rica e representativa duma modernidade rara, qualitativa e quantitativamente, no nosso país.

A vertente modernista que se afasta da ortodoxia do movimento moderno mais puro e duro Le Corbuseriano, racionalista e funcionalista, para, atento a toda uma identidade histórica local de "longa duração", propôr uma composição bastante mais antropomórfica, orgânica, que no nosso caso entronca no "Inquérito à Arquitectura Popular", convergindo no tempo e no espírito com a revisão dos últimos CIAM e o aparecimento de arquitecturas tão importantes como as de A. Aalto, BBPR, Ridolfi, Quaroni, etc., no seguimento de Frank Lloyd Wright, em Portugal é um momento muito substantivo onde surgem obras verdadeiramente notáveis de arquitectos como Távora, Filgueiras, Viana de Lima no Norte e Portas, Teotónio Pereira, Alzina Menezes, Alçada Baptista no Sul, entre outros.

São obras de grande intensidade poética, verdadeiros mas raros testemunhos dum período infelizmente ainda pouco estudado, mas que representa um fortíssimo período de afirmação indentitária em sério risco de se perder.

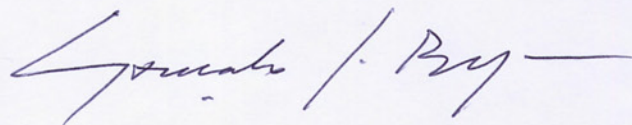
Não são muitas as obras seminais deste período, mas o conjunto das duas casas da "Tapada do Dr. António" da autoria de Luís Alçada Baptista, é certamente uma delas. A intensidade criativa destas casas, propondo uma calorosa "nova forma de habitar" e reforçando de modo brilhante a já notável humanização pré-existente da paisagem envolvente numa fusão tão poética quanto ecológica, representa um momento único da nossa frágil mas singularmente transformadora cultura arquitectónica.

Por estranho que possa parecer, saliento o paralelismo com outra obra maior do nosso património arquitectónico, cerca de quinhentos anos mais nova que os portugueses e as suas instituições souberam salvar e valorizar. Refiro-me ao Convento dos Capuchinhos, na Serra de Sintra, obra quinhentista fundada por Filipe I, de quem nos contou Mestre Frederico George nas suas sábias aulas da ESBAL, gabar-se o soberano, também Filipe II de Espanha de as duas maiores obras do seu reinado teriam sido o Escorial, de Juan de Herrera, e o Convento dos Capuchos em Sintra.

Frederico George, estudioso dos Capuchinhos procedeu ao levantamento arquitectónico do conjunto monumental do ex-convento, aparentemente tão frágil na sua potente transformação do sítio, verdadeiro projecto arquitectónico, paisagístico, ecológico ... de uma tão impressionante "modernidade" para a época que o levava a concluir ser uma obra certamente erudita, de autor desconhecido, mas de tal importância que terá obtido o máximo reconhecimento institucional então existente.

Lisboa, 19 de Outubro de 2009

Gonçalo Byrne, arquitecto



SOBRE AS "CASAS DA SERRA E O SEU FUTURO

O diferendo que se arrasta há algum tempo entre a Câmara Municipal da Covilhã, e a família Alçada Baptista, implicando tutelas várias – de gestão da água, de classificações patrimoniais e de salvaguardas ambientais e paisagísticas, para já não falar de memórias imateriais ligadas a certos locais – é mais um caso significativo da dificuldade das instituições em conciliar interesses públicos sectoriais de diferente natureza e peso. Dificuldade que se reflecte não só nas instituições – com tempos de decisão diferentes – mas também nos especialistas que as informam. E quando isto acontece, a resolução de um problema que não é consensual exige que se chegue a compromissos, mesmo que nem todos acabem por fazer cedências de igual peso, sobretudo se estão em jogo valores materiais e imateriais.

No caso presente trata-se da localização e projecto de uma albufeira de iniciativa ou interesse municipal, cuja pertinência funcional e oportunidade de realização em curto prazo não se põe em causa, segundo avaliação técnica e ambiental que apenas peca por não ter tido em conta possíveis alternativas, evitando a submersão de outros bens no caso, arquitectónicos e paisagísticos. Questão que, neste caso e curiosamente, se poderia ter dirimido num só Ministério...

Não se trataria neste caso de opor uma obra de hidráulica a um ou dois exemplos de arquitectura dos anos 60 que alguns especialistas (de diferentes formações) apelaram à salvaguarda. É, antes disso, a falta de sensibilidade às implicações da localização preferida na ecologia e paisagem da microregião em causa. E é essa falha que, por pressa ou deformação profissional, passou despercebida quer na concepção do projecto, quer na sua avaliação ambiental, criando um problema dispensável

Assim, a situação actual empurra outras instituições de natureza cultural a processar mecanismos de salvaguarda que, sendo legítimos, poderiam ter o seu tempo normal de maturação. É evidente que para uma entidade como o IGESPAR o que está em causa é a eventual classificação de um "sítio" ou "conjunto" de interesse público que reúne vários elementos paisagísticos de interesse histórico e não só obra de arquitectura nele incluído. Nem faria sentido, a meu ver, centrar no objecto arquitectónico de L.A.B. ou na memória de "O Tempo e Modo", uma questão que por outras razões mais amplas já merecia a comparação de uma realocação alternativa próxima que terá sido liminarmente afastada.

Trata-se em geral duma luta com antecedentes famosos (lá fora e mesmo entre nós) que os integristas do património acabam por perder também por incapacidade de seleccionar o que são os exemplares imprescindíveis a reter absolutamente e os casos que, sendo meritórios, podem ser simplesmente documentados com os recursos multimédia de que hoje se dispõe.

No caso dos conjuntos ou peças isoladas de arquitectura, convém não esquecer que pela sua natureza relativamente perecível ou obsolescente são, mais cedo ou mais tarde, sujeitos à lógica do palimpsesto – por reabilitação, renovação ou substituição, mais do que outros suportes de expressão artística. E o mesmo se pode dizer da conservação integral de paisagens em situações mais vulneráveis à evolução dos habitats, das actividades económicas ou das novas acessibilidades. - O que não parece ser o caso presente em que a conciliação de interesses pode ser obtida com vantagem se se procurar, com bom senso e bom gosto, uma alternativa com melhor visão do conjunto.

Os casos que justificaram esta introdução estão, em parte, documentados no recente número monográfico de "Monumentos" sobre a Covilhã, quer quanto ao contexto paisagístico, valores arquitectónicos e ainda valores de memória imaterial.

Com base nesta informação e testemunho fotográficos ou pessoais, – não me tendo sido possível, em tempo útil, fazer um estudo de campo, – procurarei ordenar as importâncias dos factores em presença. Assim:

1 - A questão mais decisiva, – também por estar em causa um "sítio" ou "conjunto" passível de classificação por interesse público - reside na reavaliação da localização da obra hidráulica prevista que se afigura como uma opção discutível do ponto de vista eco - paisagístico. Um aprofundamento da avaliação ambiental (DIA) poderá indicar uma realocação que não sendo mais onerosa nem menos funcional seja mais compatível com a paisagem da região. Este processo pode certamente ser conduzido pelo próprio Ministério do Ambiente, mais sensível aos diversos valores em presença.

2 - Tomado em si mesmo, o conjunto dos projectos devidos ao arquitecto Luís Alçada Baptista ao longo da década de 60 deve também ser reavaliado sob diferentes pontos de vista, a saber:

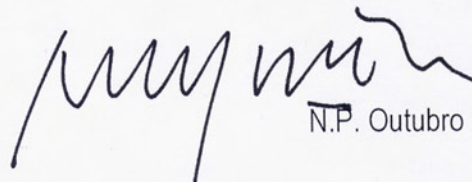
- a) O do valor absoluto de cada projecto que destaca a segunda moradia (ver adiante) dado que a primeira terá sido muito alterada;
- b) O do valor relativo na obra do seu autor;
- c) O do valor de memória (dito imaterial) de lugar de cultura na sua época, devendo avaliar-se se este valor obriga à sua preservação ou pode ser lembrado por outra forma não menos eficaz;

d) O da situação decorrente da albufeira se se mantiver a posição do projecto existente quanto à casa que se valoriza.

3 - Se se aceitar esta lógica sucessiva, arrisco deixar ainda algumas notas sobre a qualidade intrínseca da casa da serra projectada para o próprio autor, na segunda metade dos anos 60, enquadrando-a num "movimento" de revisão dos modelos modernistas (centro-europeu e brasileiro) e que passava pelas referências da arquitectura popular, do *genius loci* e da integração nos meios, urbanos ou rurais. E também, como lembra J. M. Fernandes, pela descoberta de mestres fundadores da modernidade como Wright ou Aalto ou de regiões culturais mediterrânicas – de Espanha e Itália – que mal se conheciam. Luís Alçada Baptista e Maurício Vasconcelos que se associam no G.P.A. produzem duas casas significativas – a da Serra e a da Venda do Pinheiro – que de alguma forma fecham a década de experiências dessa "revisão" (1955- 1965) iniciada pelos ateliers de N. Teotónio Pereira e M. Tainha no Sul e F. Távora e Siza no Norte, para só referir os autores mais reconhecidos cujas obras primeiras se encontram já classificadas.

No caso da serra, pela resposta ao sítio e pela espacialidade interna, esta razão seria suficiente para a sua preservação desde que inserida no contexto paisagístico que lhe deu a razão de ser. Já atrás referimos que o interesse patrimonial da casa de António Alçada é de outra ordem – dita imaterial – cuja memória merece certamente outro tratamento – que poderá ou não passar pela recuperação física e reconversão funcional do existente. Certamente dependente da vontade dos proprietários e dos sobreviventes da aventura cultural e política que acolheu.

Assim, se o que se visa é a classificação de um sítio / conjunto eco – paisagístico e também arquitectónico, junto o meu acordo às iniciativas de entidades muito relevantes que já se manifestaram no sentido de se reavaliar, à luz dos novos dados aqui lembrados e não subestimáveis, a coerência ambiental da obra de hidráulica pretendida por forma a conciliar o desígnio camarário com a ecologia e a nova paisagem dela decorrente e, ambas, com a peça arquitectónica significativa que de outro modo seria entalada na obra senão mesmo sacrificada. Desnecessariamente, a nosso ver.



N.P. Outubro 2009

Parecer

Localização duma barragem na Ribeira de Cortes

1. Proposta actual:

Localização da barragem na "Bacia de Recepção" da cabeceira da Ribeira de Cortes.

Consequências negativas:

1.1 Ocupação da bacia de recepção na cabeceira do vale prejudicando o equilíbrio e continuidade do sistema hídrico.

A acumulação de sedimentos de granulometria muito fina no fundo da albufeira diminuirá a infiltração.

1.2 O alagamento e qualquer escavação na área de regolho da albufeira vai destruir solo fértil que é um recurso finito à escala humana, numa extensão significativa do vale.

1.3 A paisagem do lugar é constituída por um mosaico cultural que dispõe duma notável estrutura hidráulica de levadas, diques e tanques.

1.4 O prejuízo económico e social para os habitantes da aldeia de "Cortes do Meio" e das proximidades é muito importante dada a sua dependência da agricultura e pastorícia.

A localização agora proposta, afectando a caça, o turismo e a possível utilização industrial dos matos não se integra na política de revitalização económica e social do interior do país que se deseja incentivar.

1.5 O desaparecimento na cabeceira do mosaico cultural simplifica a paisagem e canaliza o seu valor estético.

2. Proposta Jusante

Localização da barragem no curso da Ribeira das Cortes.

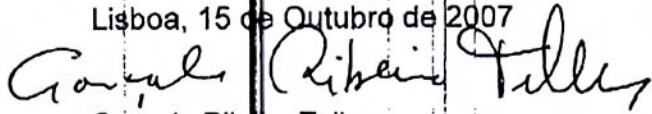
Aspectos positivos:

2.1 Eliminar parte de um povoamento mono-específico de pinhal bravo sem interesse ecológico, paisagístico e económico.

2.2 Permite um melhor funcionamento do sistema hídrico.

- 2.3 Mantém a biodiversidade no vale.
- 2.4 Valoriza a panorâmica de montante para jusante.
- 2.5 Integra-se na dinâmica da paisagem.

Lisboa, 15 de Outubro de 2007



Gonçalo Ribeiro Telles

Arquitecto-Paisagista

DECLARAÇÃO

A barragem que a Câmara Municipal da Covilhã pretende construir na Ribeira das Cortes, afluente do Rio Zêzere, implica o desaparecimento de um conjunto paisagístico e arquitectónico da maior valia.

Trata-se de um sistema hídrico datado da segunda metade do XIX, que serviu a transumância da lã na Serra da Estrela até à década de oitenta do séc. XX, constituído por um conjunto de açudes, levadas e tanques, que conduz e filtra a água para aproveitamento agro-silvo-pastoril. Entre muros e pedra escavada, o conjunto constitui um exemplar muito interessante de arqueologia, que foi recentemente danificado pelas sondagens realizadas para a construção da barragem e merecia ser restaurado e reaproveitado.


Existem no local duas moradias, uma que pertenceu ao Dr. António Alçada Baptista e onde se desenvolveram parte das actividades em torno do grupo de *O Tempo e o Modo*, e José Cardoso Pires escreveu *O Delfim*, e outra do Arqt.º Luís Alçada Baptista, exemplar significativo do Movimento Moderno em Portugal.

Na solução pretendida pela Câmara Municipal da Covilhã, o sistema hídrico e a casa do Arqt.º Luís Alçada Baptista ficam submersos. A casa do Dr. António Alçada Baptista passa a ter, nas traseiras, um dos muros de contenção com uma altura de 45 metros. A construção é feita sobre solo arável e submerge a flora autóctone diversificada e a galeria ripícola existente ao longo das levadas, que constitui o suporte à fauna da região. Acresce que a barragem se situará junto à linha de festo, perdendo-se a leitura do vale, o que altera totalmente a paisagem.

Existe uma solução alternativa a jusante, que foi anteriormente estudada pela Companhia das Águas do Zêzere e Côa. Nesta solução, situada a meia encosta, não ficam submersas quaisquer construções. Não existe solo arável, mas apenas pedra, e a flora consiste em monoespécie de pinheiro bravo. Esta hipótese conserva a leitura do vale, não prejudicando a leitura da paisagem.

Em face do que precede, venho por este meio alertar quem de direito para a ofensa à paisagem e ao património que representa aquele projecto e apoiar a solução alternativa a jusante. Ficam a ganhar a paisagem, a memória, a arquitectura e os cidadãos.

Lisboa, 11 de Novembro de 2009



—

Porque importa preservar a Tapada do Dr. António com as casas da Serra?

Porque é um manifesto "belo e útil" da humanização da paisagem. Um manifesto da vida na serra, da vida na natureza dura e agreste que o homem transformou em rigorosa harmonia.

Porque é um dos lugares onde homem e natureza estão em perfeita comunhão!

Porque é um monumento que regista a memória do nosso país, de Portugal!

Não podemos sequer encarar a hipótese de apagar esses traços na paisagem!

O conjunto construído compõe-se de duas casas erguidas nos anos 60 e de um sistema hidráulico construído com muros de suporte, levadas e charcos, potenciado na sua fase mais acabada no início de oitocentos. Trata-se de um património riquíssimo não só pela qualidade literal quer da arquitectura, quer das marcas da "engenharia hidráulica", mas sobretudo pelo modo como estes patrimónios de diferentes valências se relacionam. A tudo isto, haverá a acrescentar um terceiro e último aspecto que tem a ver com uma vivência marcante e intensa do lugar pelas mais destacadas figuras da cultura e literatura portuguesas dos anos 60 no quadro do grupo de intervenção "O tempo e o Modo".

Estamos pois na presença de diversos graus de memória, física e cultural, que importa preservar e valorizar.

A casa do arquitecto Luís Alçada Baptista é um exemplar da arquitectura moderna que importa preservar. Trata-se de uma obra onde são evidentes as marcas da arquitectura dos anos 60 desenvolvida com tal carácter e autenticidade na relação com o meio, a serra e a arquitectura vernácula local, daí resultando uma expressão intemporal. De facto, parece que a casa sempre lá esteve consagrando um dos temas mais excepcionais da arquitectura do movimento moderno: a sua capacidade de longevidade espacial e funcional na adaptação ao lugar.

Implantada num ponto de desnível e aproveitando a diferença de cotas para se agarrar ao terreno, o espaço evolui em espiral em torno da escada e do ponto de fogo. Formalizada exteriormente em dois corpos justapostos que parecem entrelaçar-se cobertos por quatro planos de coberturas diferenciadas e muito inclinadas, surge na paisagem como uma autêntica e intemporal "casa da serra".

Mas, se pelo exterior parece uma "casa da serra" adaptada ao terreno e à paisagem, ao percorrermos o interior percebemos que se trata de um projecto excepcional, duro na expressão e requintado na espacialidade, nas relações de vistas, na organização das entradas de luz e desenho dos vãos.

De facto, os espaços fluem natural e sequencialmente, estabelecendo uma permeabilidade quer horizontal quer vertical, bem como uma articulação entre o interior e o exterior através de uma relação intensa com a paisagem envolvente. As entradas de luz são variadas correspondendo a diferentes propósitos jogando com dimensões e enquadramentos. A base geométrica do desenho assenta numa grelha hexagonal que potencia uma extraordinária flexibilidade em planta e volume de que resulta uma sequência de espaços de carácter informal. Estamos na presença de uma arquitectura erudita em que o lugar, a paisagem, os materiais locais são

usados como fonte de inspiração e informação. Sem mimetismos, as referências ao lugar são conjugadas com um minimalismo desassombrado patente no uso do betão, da pedra granítica, da chapa metálica, do tubo de canalização ou de outros materiais reciclados.

A casa de Luís Alçada Baptista corresponde ao momento de crítica à ortodoxia e à indiferenciação do estilo internacional. A organização de um espaço fragmentado feito em acordo sensível com a natureza lembra a complexidade das casas de Raul Lino, a organicidade de Frank Lloyd Wright mas também o expressionismo de Hans Sharoun. E evoca sobretudo o processo de humanização da modernidade, de Alvar Aalto à conferencia de Darmstadt "Humanidade e Espaço" com Martin Heidegger e Ortega y Gasset, ou se preferirmos de Octávio Paz a António Alçada Baptista.

Mais a sul, justamente a casa do irmão, o mesmo António Alçada Baptista, que foi palco do pensamento e da crítica da geração de "O tempo e o Modo", implanta-se sobre o vale abrupto agarrada a penedos de granito. Um sistema hidráulico trabalhado sobre os acidentes naturais completa este conjunto patrimonial único.

1. Da justificação para a destruição deste património único

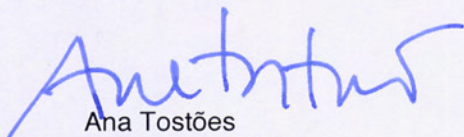
O que está em causa, com a construção da barragem preconizada pela Câmara da Covilhã, é uma injustificada ameaça de destruição deste património a todos os títulos singular. Injustificada porque não há razão de "utilidade pública" já que existe alternativa à construção da barragem, exactamente na mesma Tapada do Dr. António, mas a jusante. Mais, a solução a jusante, que curiosamente foi a primeira a ser escolhida, é como se sabe do ponto de vista da ecologia da paisagem, a mais adequada.

2. Da razão para a preservação deste património único

Trata-se de um património cultural único: o lugar paisagístico coincide com o lugar humanizado, com a obra de referência arquitectónica e a vivência de um lugar que é testemunho da cultura portuguesa contemporânea. A *Carta de Veneza* refere que a noção de monumento histórico engloba a criação arquitectónica (a casa Luís Alçada Baptista), bem como o sítio rural capaz de testemunhar uma civilização, uma evolução significativa (sistema hidráulico da Tapada Dr. António) ou um acontecimento histórico (a reunião da geração "O tempo e o Modo" nos confins da Serra) e nessa medida ressalva a coerência global como valor determinante. E é a eleição destes valores, consagrados mais tarde na *Carta de Cracóvia*, que permite identificar e especificar a classificação patrimonial.

Pelo que foi dito e porque um país não pode existir sem memória entendemos que se impõe a classificação oficial do conjunto da **Tapada do Dr. António com as casas da Serra** !

Tapada do Dr. António, Covão do Teixo, Covilhã, 30 de Outubro de 2009



Ana Tostões
Professora Associada
Vice-Presidente
Fundação DOCOMOMO Ibérico



Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas

A Paisagem e as Casas na Tapada do Dr. António, Serra da Estrela

As casas de Luiz Alçada Baptista construíram numa particular encosta da região da Serra da Estrela um Lugar. No Vale em que se inserem foi delimitada uma Tapada com cerca de 230 hectares, constituída por diversos espaços de produção agro silvo pastoril. A encosta é em si um daqueles Sítios em que no Tempo se foram adoçando a forma topográfica, eliminando algumas formas de vegetação, conduzindo e dominando os movimentos da água., Homens e animais que construíram e habitaram este espaço de Paisagem, incutindo formas e sulcos, anulando o próprio Tempo na dimensão atemporal que estes espaços adquirem. Norberg-Schulz fala-nos do carácter espacial e material que tornam os Sítios em Lugares únicos, tal como Álvaro Siza nos avisa que os sinais estão lá nos lugares para quem puder e souber lê-los. Foi nesta Paisagem que em diversos momentos Luiz Alçada Baptista fez construir as duas casas a que nos referimos. Sobre o seu valor arquitectónico intrínseco uns poderão falar. Sobre a visita e permanência de figuras maiores da cultura, outros o poderão referir com toda a consistência de quem reconhece o valor colectivo dos factos ali ocorridos e a urgência de os comunicar e divulgar.

Interessa-nos então entender como um Lugar que se torna único pelo seu valor antropológico e carácter de Paisagem, pela Arquitectura original e experimental que inclui e que acolheu factos e pessoas relevantes para a Cultura Moderna, se poderá afirmar à comunidade nacional como um Lugar Referente.

Reconhecemos sem dificuldade a referência colectiva que Paisagens, Sítios e Lugares, Edifícios e Jardins, Pontes e Aquedutos estabelecem na nossa memória colectiva. Será então difícil reconhecer o valor cultural que a unidade estabelecida entre a Paisagem da Tapada e as casas de Alçada Baptista constituíram para sempre? Poderia a sua conservação criar um lugar em que através da sua dinâmica de gestão se abrissem percursos ou momentos de conhecimento, ou mesmo permanências de criação?



Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas

No debate sobre o reconhecimento de Interesse público das Casas da Serra, e concretamente quanto à opção de construção da Barragem com conseqüente submersão do Lugar da Tapada, não temos dúvidas que o interesse deste valor patrimonial se sobrepõe inequivocamente a qualquer outra intervenção a considerar neste espaço, que venha alterar ou prejudicar o mencionado Lugar Referente.

Sabe-se que existem alternativas que poderão conciliar a construção da obra hidráulica pretendida com a preservação das Casas da Serra e que as diferentes soluções de implantação da barragem tenderam aleatoriamente para montante ou para jusante do vale em função dos interesses das possíveis entidade exploratórias (Câmara Municipal da Covilhã e Águas do Zêzere e Coa). Considera-se ainda que não é clara a oscilação de posições que os diferentes estudos de Impacte Ambiental sofreram ao longo de tempo e considera-se que aos aspectos técnicos avaliados, sobre a gestão da água, sobre questões económicas e ambientais, deverão ser acrescidos os pareceres das diferentes instituições de natureza cultural e subjectiva que acrescentam novas dimensões à Paisagem através de valores associados à memória, ao tempo, ao espaço e à riqueza antropológica entre outros.

O impacto da construção da Barragem para água de consumo, certamente acarretará perdas mas também ganhos quando gerido de forma acertada e integrada.

O cenário da construção do plano de água, no local a jusante, contido pela Barragem encaixada na topografia do Vale de encostas íngremes, revela uma possibilidade de construção integrada, que respeita os valores culturais do vale construídos ao longo do tempo. A este tempo da formação geológica, dos trilhos da transumância, dos engenhos hidráulicos, das praticas de agricultura em solo arável, da arquitectura modernista das Casas da Serra, e da vivência cultural associada, crescem-se novas valências à paisagem através da consolidação da memória e da projecção do futuro.

O surgir da consciência do valor patrimonial deste Lugar, movida pelo esforço da sua preservação cresce uma nova dimensão à paisagem que envolve a história de longas gerações



Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas

e da comunidade envolvida na construção da identidade desta paisagem. A conservação e divulgação das casas Alçada Baptista inseridas neste contexto constituem um potencial de atracção e desenvolvimento da região num sentido de turismo cultural e de referência nacional.

A discussão em causa só existe porque a Paisagem do Vale da Ribeira das Cortes é inequivocamente única na forma em que foi apropriada pelos sinais do Tempo, pelo que apoiamos de forma inequívoca o Reconhecimento Público de Interesse Patrimonial associado a este Lugar.

Lisboa, Novembro de 2009

João Gomes da Silva

Arquitectos Paisagistas

Inês Norton



ASSUNTO: Eventual classificação da “Tapada do Dr. António”

Localização: Covão do Teixo – Cortes do Meio – Covilhã

Requerente: Luís Victor da Silva Dias Alçada Baptista

Servidão Administrativa

Em resposta à solicitação do requerente, para efeitos de Eventual classificação da Tapada do Dr.º António, no Covão do Teixo, freguesia de Cortes do Meio, concelho da Covilhã, como “Conjunto de Interesse Público”, considera a Delegação da Ordem dos Arquitectos do Distrito de Castelo Branco os seguintes aspectos:

1. Foi visitado o local e analisado detalhadamente o dossier do projecto para a sua eventual classificação;
2. O sítio, acima referido, único pelas suas características, constitui quer pelas condições naturais e ambientais, quer pela própria acção do homem, um ecossistema, natural, paisagístico e cultural de elevadíssimo interesse que importa salvaguardar;
3. Da acção do homem, ressalta:

3.a - Um complexo sistema hidráulico tradicional e centenário, de elevado valor etnográfico na Serra da Estrela, estruturante do vale, criado para a rega de lameiros, constituído por levadas delimitadas de muros duplos de pedra seca, diques e tanques em granito, que desviam a água das ribeiras para os lameiros a meia encosta;

3.b - Duas habitações construídas na década de 60 do século passado, da autoria do Arqt.º Alçada Baptista, excelentes exemplares do movimento modernista português, relativamente às quais importa considerar:

- As construções moldam-se totalmente, pela sua implantação organicista, e pelo jogo de volumes, à morfologia do terreno;
- Nessa cuidadosa adaptação ao solo e às curvas de nível, o espaço interior destas habitações integra os próprios rochedos pré-existentes, tal como sucede na arquitectura vernacular da Beira Interior de Portugal da época quinhentista e que permanecem até hoje;
- Nas paredes portantes, foi utilizado o material de construção tradicional predominante, a alvenaria de granito, o que reforça a imagem de integração com o sítio;
- No desenho das habitações foi assumida a forma do hexágono, não existindo nelas um único ângulo recto;
- Sendo utilizada uma linguagem modernista com elevada mestria, estas habitações, quer pelo seu organicismo na adaptação ao solo e integração de rochedos no seu interior, quer pela total recusa de ângulos rectos, pode situar-se de igual modo dentro do fio condutor do Al-Andaluz, na sua componente da cultura do judaísmo, predominante em toda a Beira Interior nas zonas históricas desta região nos séculos XVI e XVII.

- Refira-se que naquela época passada, entre 1492 e 1532, a Covilhã e toda a Beira Interior, tiveram um aumento demográfico de cerca de 60%, motivado pela fixação de judeus fugidos da vizinha Espanha, o que não deixou de se reflectir na cultura do habitat. Estas habitações dos anos 60 do séc. XX, podem e devem ser vistas por isso como um claro exemplo do apelo à Modernidade, associado de igual modo à Memória e à História. Fernando Távora chamava a esse fenómeno, “O Fio Condutor Invisível da Cultura”.

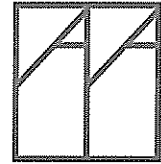
Face ao exposto, na qualidade de Presidente da Delegação da Ordem dos Arquitectos no Distrito de Castelo Branco, e ouvida a Direcção, considera-se relevante o projecto proposta para **Eventual classificação da “Tapada do Dr. António”**, Localização: Covão do Teixo – Cortes do Meio – Covilhã, Requerente: Luís Victor da Silva Dias Alçada Baptista.

O Presidente da Delegação da Ordem dos Arquitectos
do Distrito de Castelo Branco


ORDEM DOS
ARQUITECTOS
José da Conceição Afonso
(Arqt.º)
23.02.2009



Delegação do
Distrito de
Castelo Branco



PROVEDOR DA ARQUITECTURA

Exmo. Senhor
Presidente da Câmara Municipal da
Covilhã
Dr. Carlos Alberto Pinto
Praça do Município
6200-151 Covilhã

N/refª.: 846.PArq.

Lisboa, 4 de Outubro de 2007

Exmo. Senhor,

Dirijo-me a V. Exa. na qualidade de Provedor da Arquitectura nomeado pela Ordem dos Arquitectos para "receber queixas ou reclamações sobre assuntos que firam o Direito à Arquitectura dos Cidadãos com vista ao seu esclarecimento, encaminhamento ou mediação de eventuais conflitos".

No caso presente o nosso concidadão Luís Alçada Baptista coloca o problema de ver as casas e os terrenos circundantes de que a sua família é proprietária virem a ser submersos ou inutilizados na sua vivência pela construção da barragem de Ribeira das Cortes no concelho a que V. Exa., preside.

Uma análise do local revela de imediato que estamos, no que se refere às construções, perante um exemplo notável de fusão de princípios de arquitectura contemporânea e moderna ("feita no nosso tempo e de acordo com o nosso tempo" no dizer de Fernando Távora) e valores de cultura e do "saber fazer" populares.

Foi, indubitavelmente, ali conseguida uma delicada e sábia harmonia entre o novo e vernáculo e entre o construído e a natureza.

Por outro lado, a envolvente ordena-se sobre um sistema de levadas e lameiros centenários que humanizam e constroem paisagem com realce para os valores cénicos do vale.

Neste aspecto não podemos deixar de fazer reparo ao estudo de impacto ambiental efectuado quando, segundo o que me foi dada a conhecer, se refere a "habitações descaracterizadas que se adivinham ampliações de antigas noras pela proximidade de um canal".

Trata-se de uma afirmação leviana por infundada e não atender, numa óptica cultural aos valores que o sítio e as construções encerram.

Não ousaria levar até V. Exa. o problema na vertente exclusiva de defesa de uma propriedade privada se não houvesse alternativas à construção da barragem em local próximo que inclusivamente parece apresentar vantagens em relação à implantação neste momento preferida e, ainda, se não entendesse que se trata da preservação e valorização de um valor colectivo tanto como património construída como natural.

Na certeza de que V. Exa. volverá a sua atenção para a dimensão e natureza do problema apresento-lhe os meus melhores cumprimentos,

Com os melhores cumprimentos,

Francisco Silva Dias,
Provedor da Arquitectura

DECLARAÇÃO

Tendo tomado conhecimento do processo relativo à eventual **classificação da “Tapada do Dr. António”**, propriedade da família Alçada Baptista, como “conjunto/sítio de interesse público”, vem a Fundação Oriente manifestar o seu apoio à referida classificação, por considerar que se trata de um património único, de elevado interesse paisagístico e cultural, que importa salvaguardar.

Na Tapada do Dr. António encontram-se duas construções de grande valor arquitectónico e paisagístico, que revelam uma enorme preocupação pelo enquadramento harmonioso entre o construído e a natureza:

- as construções de uso habitacional, excelentes exemplares do movimento modernista português, foram construídas na década de 60, inspirando-se nos tradicionais abrigos de montanha dos pastores, e moldam-se totalmente à morfologia do terreno, adaptando e integrando no seu espaço interior os próprios rochedos pré-existentes. Nas paredes foi utilizado o material de construção tradicional, o granito, o que reforça a imagem de integração com o sítio.

- o sistema hidráulico de captação e condução de água para encharcamento de lameiros, tradicional e de elevado valor etnográfico na Serra da Estrela, reveste-se de grande interesse pela sua complexidade e pelas soluções adoptadas para vencer constrangimentos topográficos e hidrológicos.

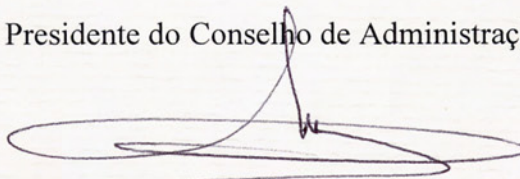
A Casa da Serra encerra ainda um valor incomensurável como lugar da memória da revista *O Tempo e o Modo*. Esta revista, fundada em 1963, teve como primeiro director António Alçada Baptista e mobilizou uma série de intelectuais críticos do salazarismo, num prenúncio da mudança radical que se viria a realizar na sociedade portuguesa em 1974. Essa Casa foi testemunha de inúmeras tertúlias e encontros entre diversas personalidades da cultura contemporânea portuguesa como, além de António Alçada Baptista, Helena e Alberto Vaz da Silva, João Bénard da Costa, Nuno Bragança, José Cardoso Pires, Eduardo Prado Coelho, Jorge Amado, Zélia Gattai, Pedro Tamen e Vasco Pulido Valente. Espaço de meditação e germinação, nele foram escritos *Peregrinação Interior*, por António Alçada Baptista, *O Delfim*, por José Cardoso Pires, sendo ainda referido por Jorge Amado na sua obra *Navegação de Cabotagem*.

A Fundação Oriente teve o privilégio de poder contar com a excelente colaboração profissional do António Alçada Baptista e testemunhar a enorme afectividade e o carinho que dedicava a essas terras, que é aliás bem visível nas suas obras.

Cremos, por isso, que a Tapada do Dr. António é um lugar de memórias, um palco de vivências culturais únicas que importa preservar e valorizar.

Lisboa, 14 de Outubro de 2009

O Presidente do Conselho de Administração



Carlos P.V. Monjardino

PARECER

sobre o sistema hidráulico de captação e condução de água para um lameiro do Vale da Lomba, no concelho da Covilhã

Trata-se de um sistema, construído presumivelmente no segundo quarto do século XIX, detentor de características rústicas, mas apresentando alguma complexidade resultante de uma estratégia de aproveitamento hídrico em que se tirou partido, não só de água veiculada por talvegues naturais (R1, R2 e R3, Figura), mas também de água represada por dois açudes (A1 e A2, Figura) e por um tanque – açude (A/T, Figura), que permitiam a derivação da água para três canais, dois dos quais (C3 e C5, Figura) destinados ao encharcamento de um lameiro.

Um provável terceiro açude (A3, Figura), de pequenas dimensões parece ter-se destinado a promover a infiltração para alimentação de um pequeno lençol freático cuja água, efluente de uma nascente que se identificou (N, Figura), ia reforçar o citado encharcamento.

O órgão fundamental do sistema hidráulico consistia no já citado tanque – açude, construído próximo do talvegue principal (Ribeira da Nave da Areia), órgão que recebia água de dois pequenos afluentes daquela ribeira (R2 e R3, Figura) e de um canal de derivação dela proveniente (C1, Figura).

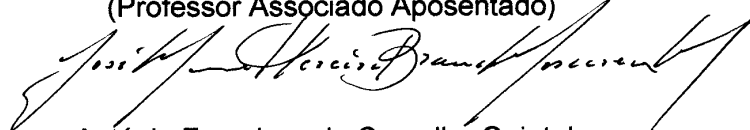
Outro elemento, que mostra alguma sofisticação na gestão empírica da água, consiste num desvio em U do traçado do canal inferior (D, Figura), de modo a possibilitar, segundo se crê, a construção de um viaduto sobre lages para passagem de carros de bois.

Se bem que existam, na área da Serra da Estrela, outras obras hidráulicas vernáculas destinadas ao encharcamento de lameiros, entende-se que o sistema em questão se reveste de acentuado interesse, pela sua complexidade e pelas soluções adoptadas no que respeita, quer à gestão da água, quer à adopção de soluções técnicas para vencer constrangimentos topográficos e hidrológicos.

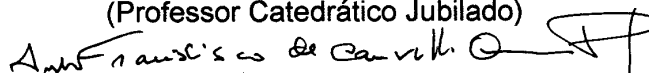
Nestas condições, considera-se que esta obra é detentora de assinalável valor patrimonial, pelo que se entende dever ser preservada e, se possível, valorizada, merecendo, por conseguinte, ser objecto de classificação.

Lisboa, 06 de Outubro de 2007

José Manuel Pereira Branco de Mascarenhas
(Professor Associado Aposentado)



António Francisco de Carvalho Quintela
(Professor Catedrático Jubilado)



VISITA À TAPADA DO DR. ANTÓNIO – COVILHÃ

DIA 18 DE ABRIL DE 2010



A Secção Regional do Sul da Ordem dos Arquitectos (SRS-OA) organiza uma visita à Tapada do Dr. António, na freguesia de Cortes do Meio, do concelho da Covilhã, no Dia Internacional de Monumentos e Sítios, este ano dedicado ao tema Património Rural / Paisagens Culturais.

Pretende-se visitar, e dar a conhecer, este local na Serra da Estrela, onde existe um sistema hidráulico da segunda metade do século XIX, que percorre grande parte da propriedade e esteve ligado à transumância de gado, e onde foram construídas duas casas, projectadas pelo arquitecto Luís Alçada Baptista, que acolheram o designado grupo de “O Tempo e o Modo”. Aqui, António Alçada Baptista escreveu “Peregrinação Interior” e José Cardoso Pires “O Delfim”.

Muitos se pronunciaram já sobre o valor deste lugar (ver verso), no âmbito do pedido de abertura de um processo de classificação da Tapada como “conjunto / sítio de interesse público” ao IGESPAR e alertaram para a necessidade da sua preservação.

A visita, guiada por Michel Toussaint e Luís Alçada Baptista, permitirá conhecer este património arquitectónico, paisagístico e cultural, que não foi ainda classificado.

Data: 18 de Abril de 2010 – das 10.30 H às 13.30 H
Ponto de Encontro: Hotel Serra da Estrela – Penhas da Saúde
Confirmações: 213241140 secretaria4@oasrs.org
Mais informações – www.oasrs.org

Álvaro Siza Vieira – “... o interesse excepcional de um sítio “convertido em lugar”, também lugar de encontro da brilhante geração de “O Tempo e o Modo”, na sua procura da modernidade interrompida ...”

Gonçalo Byrne – “... a intensidade criativa destas casas, propondo uma calorosa “nova forma de habitar” e reforçando de modo brilhante a já notável humanização pré-existente da paisagem envolvente numa fusão tão poética quanto ecológica, representa um momento único da nossa frágil mas singularmente transformadora cultura arquitectónica ...”

Nuno Portas – “... no caso da serra, pela resposta ao sítio e pela espacialidade interna, esta razão seria suficiente para a sua preservação desde que inserida no contexto paisagístico que lhe deu razão de ser ...”

Guilherme d’Oliveira Martins (CNC) – “... a herança cultural e o património têm uma forte componente imaterial, que vai da memória à criação contemporânea. É exactamente o que se passa neste caso ... Na “Casa da Serra” temos uma associação singularíssima que envolve a geração de “O Tempo e o Modo” ... “

Ana Tostões (DOCOMOMO) – “... Trata-se de um património cultural único: o lugar paisagístico coincide com o lugar humanizado, com a obra de referência arquitectónica e a vivência de um lugar que é testemunho da cultura portuguesa contemporânea ...”

Emílio Rui Vilar – “ ... venho por este meio alertar quem de direito para a ofensa à paisagem e ao património que representa aquele projecto (barragem) e apoiar a solução alternativa a jusante. Ficam a ganhar a paisagem, a memória, a arquitectura e os cidadãos.”

Carlos P. V. Monjardino (Fundação Oriente) – “... A Fundação Oriente teve o privilégio de poder contar com a excelente colaboração profissional do António Alçada Baptista e testemunhar a enorme afectividade e o carinho que dedicava a essas terras ... a Tapada do Dr. António é um lugar de memórias, um palco de vivências culturais únicas que importa preservar e valorizar.”

João Gomes da Silva e Inês Norton (Associação Portuguesa dos Arquitectos Paisagistas) – “As casas de Luís Alçada Baptista construíram numa particular encosta da região da Serra da Estrela um Lugar. ... como um Lugar que se torna único pelo seu valor antropológico e carácter de Paisagem, pela Arquitectura original e experimental que inclui e que acolheu factos e pessoas relevantes para a Cultura Moderna, se poderá afirmar à comunidade nacional como um Lugar Referente ...”

José da Conceição Afonso (Delegação de Castelo Branco da SRS-OA) – “... O sítio ... único pelas suas características, constitui quer pelas condições naturais e ambientais, quer pela própria acção do homem, um ecossistema, natural, paisagístico e cultural de elevadíssimo interesse que importa salvaguardar ...”


JMP Branco de Mascarenhas e AF de Carvalho Quintela – “... sobre o sistema hidráulico ... entende-se que o sistema em questão se reveste de acentuado interesse, pela sua complexidade e pelas soluções adoptadas no que respeita, quer à gestão da água, quer à adopção de soluções técnicas para vencer estrangimentos topográficos e hidrológicos. ... esta obra é detentora de assinalável valor patrimonial, pelo que se entende dever ser preservada e, se possível, valorizada ...”

Gonçalo Ribeiro Telles – “ ... a paisagem do lugar é constituída por um mosaico cultural que dispõe duma notável estrutura hidráulica de levadas, diques e tanques ...”

Francisco Silva Dias (Provedor da Arquitectura – OA) – “ ... Uma análise do local revela de imediato que estamos, no que refere às construções, perante um exemplo notável de fusão de princípios de arquitectura contemporânea e moderna ... e valores de cultura e do “saber fazer” populares ...”

José Manuel Fernandes - “... de facto, de entre todas as propostas atrás analisadas, de Wright a Teotónio, é esta a casa que mais espaços assumidamente com ângulos de 60 graus exhibe na compartimentação (acentuada pelo predomínio de “cheios” sobre “vazios”), o que parece exprimir-se numa planta “agressiva”, cheia de “bicos”, mas onde, no “espaço real”, através do percorrer das áreas internas, podemos afinal sentir a capacidade de controle do seu desenho e dos espaços resultantes ...”

João Bénard da Costa – “ ... “uma casa é a coisa mais importante da vida” escreveu Ruy Belo. Essa Casa da Serra foi importante para a minha vida, e para a vida de um tempo entre a amizade e o amor. Não ma tirem. ... Vivi nela algo que se pode chamar perfeita alegria. Quem a deu merece guardá-la. Abrigo nosso, abrigo vosso.”



monumentos

CIDADES | PATRIMÓNIO | REABILITAÇÃO

29

JULHO 2009

As “Casas da Serra” na Covilhã, por Luiz Alçada Baptista

Um diálogo entre a arquitectura moderna e a vernácula: a propósito da ameaça à destruição das duas “casas da serra”, de Luiz e de António Alçada Baptista

JOSÉ MANUEL FERNANDES

O tema, o problema, os antecedentes

As duas habitações conhecidas como as “casas da serra”, que foram erigidas nos finais da década de sessenta do século XX na área do Vale do Covão do Teixo, na cerca da estrada que sobe da Covilhã para as Penhas da Saúde, na serra da Estrela, resultaram da iniciativa dos irmãos António Alçada Baptista (escritor e intelectual) e Luiz Alçada Baptista (arquitecto), a quem pertenceram.

Representam duas obras marcantes, embora pouco conhecidas, da chamada Arquitectura Moderna em Portugal, desenvolvida sobretudo nas décadas de 1950 a 1970, e souberam integrar-se de uma forma sábia num contexto de natureza transformada, agropastoril, em plena área serrana de altitude.

Como refere o filho do arquitecto autor dos projectos, o arquitecto paisagista Luís Alçada Baptista, (...) *As casas, de arquitectura afeiçoada à morfologia do terreno, desenvolvem-se em patamares para, desta forma, acompanharem a encosta. Em pedra de granito e betão, aproveitam os afloramentos rochosos existentes integrando-os na própria arquitectura.*

As casas são, a par do sistema de levadas e lameiros centenários (de 1850), elementos estruturantes do lugar no vale da ribeira do Covão do Teixo (...)¹.

Actualmente, existem e estão em desenvolvimento projectos para aproveitamento hídrico da área, com a construção de uma barragem que, num destes (infelizmente eleito em detrimento do outro), gerará uma albufeira a uma cota que destruirá, por submersão, todo o conjunto da estrutura paisagística do vale, e as suas duas casas da serra.

Por nos parecer, como profusa e documentadamente está comprovado (ver documentação referida no final do texto), que o valor das atrás mencionadas estruturas paisagísticas, produtivas e arquitectónicas é excepcional, valendo como um conjunto a recuperar e a preservar (e para isso há os agentes necessários, do actual proprietário aos meios materiais disponibilizáveis), elaborámos o seguinte texto, no sentido de apoiar e valorizar culturalmente o processo de classificação oficial do conjunto referido (em curso no IGESPAR), evitando, no essencial, a destruição dos espaços e das construções em questão.

Las “Casas de la Sierra” de Luiz Alçada Baptista en Covilhã

Son analizadas y valoradas la arquitectura, el significado histórico y la implantación paisajística de dos viviendas aisladas, obra del arquitecto Luiz Alçada Baptista, edificadas en plena Sierra de la Estrella, a pocos kilómetros de Covilhã. Tras una breve referencia a la biografía profesional de este autor, se procede al análisis de ambas viviendas desde el punto de vista de su lenguaje arquitectónico, que presenta influencias de las obras de Frank Lloyd Wright, así como de algunos autores portugueses de la época, los años 1960-1970.

O autor, a outra “casa da serra” e outras obras

Luiz Alçada Baptista nasceu na Covilhã, a 9 de Junho de 1924, e diplomou-se como arquitecto na Escola de Belas-Artes do Porto, com a classificação final de 19 valores, em 1956. Faleceu recentemente, em 2008.

A sua formação deverá ter decorrido sob a direcção pedagógica de Carlos Ramos, informada, inovadora e actualizada, contribuindo para a sua futura prática profissional, de cariz moderno, coerente com o seu tempo, e num conflito natural com os processos mais tradicionalistas, retrógrados e fechados de produção da arquitectura em Portugal, que estavam no seu apogeu quando iniciou a carreira.

Tem uma obra extensa e diversificada, sobretudo a desenvolvida no quadro do antigo *atelier* GPA (Grupo de Planeamento e Arquitectura), de que foi sócio-fundador, e em colaboração com o colega Maurício de Vasconcelos.

Entre 1954 e 1971, foi arquitecto da Comissão das Construções Hospitalares do Ministério das Obras Públicas, tendo desenvolvido, entre outros, projectos para os hospitais: do Gavião, da Mealhada, ou da Cruz Vermelha, em Lisboa (entre 1954-1971); e, no período de 1971 a 1994, o Hospital de Viseu, ou o de Ponta Delgada (ampliação).

De 1968 até 1995 trabalhou no GPA, onde desenvolveu inúmeros planos urbanísticos, como o da Brandoa-Falagueira (1970), o Plano Director Municipal de Castelo Branco (1972), ou o plano de recuperação do Bairro do Bacelo, em Évora (1977). Igualmente no âmbito do seu trabalho para o gabinete elaborou projectos para edifícios escolares, sendo de destacar a sua colaboração na concepção do conjunto da Universidade da Beira Interior (UBI), entre 1973 e 1990, com Maurício de Vasconcelos e Bartolomeu Costa Cabral. Foi ainda no GPA que recebeu, em 1988, o primeiro prémio do concurso para a aerogare do aeroporto de Ponta Delgada.

Para além destes “grandes temas”, Luiz Alçada Baptista realizou, uma vasta série de obras, como: um lagar-piloto para a Junta Nacional do Azeite, em Elvas (1963); edifícios de habitação em Lisboa (Largo do Chanceler, 1992) e em Cascais (largos do Colégio, 1993, e do Prior Velho, 2000); ou, ainda, edifícios para escritórios (sede da Sociedade Portuguesa de Escritores, em Lisboa, com o GPA, 1970).

No contexto da obra que aqui nos ocupa, referida no seu currículo como (...) *habitação de férias no Salto do Lobo, Serra da Estrela* (...), de 1969, projectou também a casa para o irmão António, implantada a algumas centenas de metros da sua, bem como o pequeno anexo desta, junto à ribeira, que ficou tradicionalmente conhecida como a “casa do escritor”, e onde, segundo se conta, Cardoso Pires escreveu *O Delfim*.

Mas a habitação do irmão, em linhas gerais seguindo os mesmos critérios arquitectónicos da sua, foi bastante alterada pelo proprietário, pelo que

Luiz Alçada não a reconhecia como inteiramente de sua concepção. De facto, como ela se apresenta actualmente, e não obstante o notável valor histórico (serviu para as reuniões de cariz político-cultural do grupo da revista *O Tempo e o Modo*, nos anos de 1970, por exemplo), não apresenta um valor espacial e plástico tão elevado.

Influências: o modo “em ângulo” e a leitura criativa a partir de Wright

A habitação projectada e construída por Luiz Alçada Baptista, entre 1969 e 1973, reflecte, como várias outras do seu tempo em Portugal e na Europa, a influência, sempre omnipresente, da obra do arquitecto norte-americano Frank Lloyd Wright (1867-1959).

Esta influência não assumiu, neste caso, os aspectos mais directos de uma adesão formal, ou de imagem, mas antes, no que deve ter sido uma relação aprofundada, inteligente e criativa, com os grandes temas lançados por Frank Lloyd Wright, exprimiu-se num entendimento, personalizado e original, da espacialidade da casa, quer em termos da sua relação “orgânica” com o quadro “natural” circundante (também ele trabalhado pelo Homem), quer na concepção e desenvolvimento do espaço interno da casa.

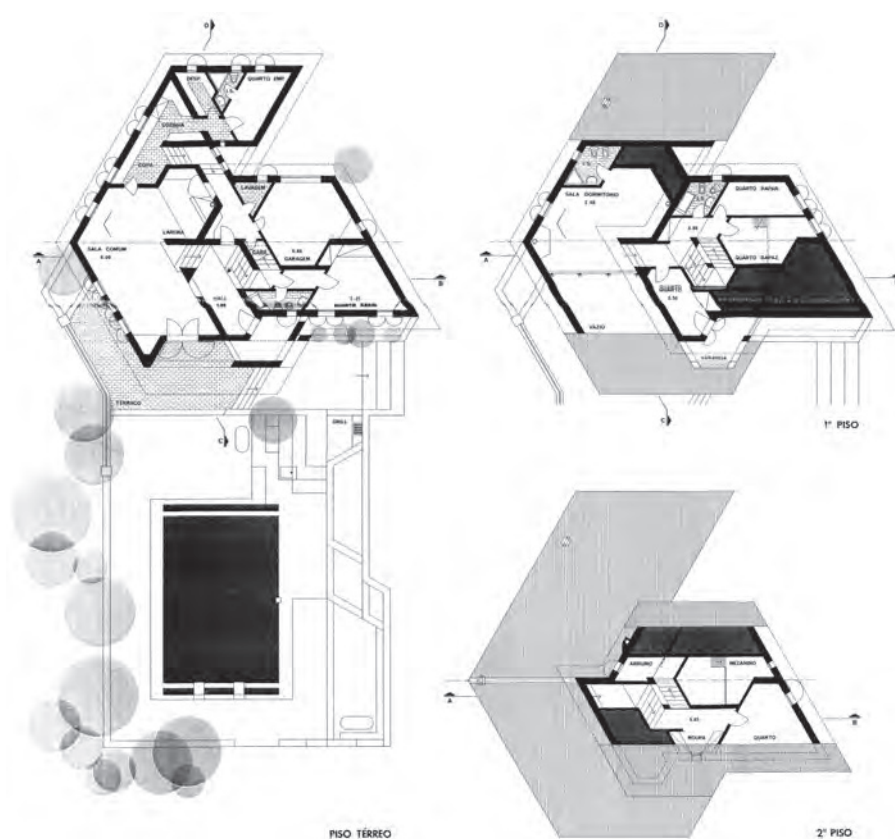
O recurso ao sistema da malha geradora de base triangular/hexagonal, definindo, em planta, ângulos de 120 e de 60 graus, é o tema gráfico/conceptual que consubstanciou o modo de fazer, a partir dos temas “wrightianos”, e que nos remete, de um modo mais visual e directo, para a obra do autor americano, “filiando”, de certo modo, este projecto; mas o que mais impressiona na habitação do Vale do Teixo é a espiritualidade com que foram interpretadas e recriadas, num contexto próprio, as ideias e as concepções do mestre.

Inventariemos os aspectos onde sentimos presente o legado de Frank Lloyd Wright: na relação de diálogo permanente, para quem habita a casa, com a paisagem externa, conduzida pela luz, em aberturas de diferentes dimensões, que parecem surgir sempre que desejadas; na “entrega orgânica” da casa, de modo dócil mas muito controlado, aos grandes assentamentos de rochas graníticas, com as quais a construção se parece “fundir”, num sentido matérico, tectónico; na concepção, estruturante da organização interna da casa, do “espaço em espiral”, desenvolvido a partir da área nuclear da lareira/fogo do lar (erigida sobre as massas graníticas), ligada ao sistema de escadas centrais, que, em patamares sequenciais, operam a sucessiva e ascendente distribuição para os compartimentos, até ao terceiro piso (qual “torre de castelo” em pedra).

Nestes vários sentidos, e em síntese, podemos afirmar que a casa de Luiz Alçada Baptista na serra da Estrela representa um excelente exemplo arquitectónico da “arquitectura orgânica”, como ela foi enun-



1 | Covilhã, Casa da Serra, alçado sul, Luiz Alcada Baptista, [1960-1970].



2 | Casa da Serra, plantas dos pisos térreo 1 e 2, Luiz Alcada Baptista, s.d. [1960-1970].

ciada por Wright, reinventada em perfeita adaptação ao quadro geocultural do mundo de transição Mediterrâneo-Atlântico, que a serra da Estrela tão bem representa.

Vejamos agora — no sentido de um amplo enquadramento histórico-arquitectónico —, de modo por menorizado, quais as obras que Wright projectou ou construiu, mais próximas ou comparáveis com a casa de Luiz Alcada Baptista.

Em primeiro lugar, deve referir-se um tema essencial presente, desde os anos de 1890-1900, na obra

doméstica de Frank Lloyd Wright: o conceito do “fogo sagrado”, gerador e núcleo da habitação, definidor do “lar” — o qual corresponde, em termos de espaço, a um eixo estruturante, espiritual, vertical, que “nasce” da lareira, e envolve, qual entidade protectora, toda a casa. Este tema articula-se com outros universos do pensamento de Frank Lloyd Wright, nomeadamente no plano da tradição ancestral, simbólica e mítica, dos “deuses celtas”, tradição que ele queria, de algum modo, prosseguir e constantemente recriar.

Neste campo, a “presença conceptual” da vasta obra de habitação unifamiliar do arquitecto norte-americano, como referência, na casa de Luiz Alçada Baptista é quase total, quer com um espaço mais convencional e construído/organizado à volta da lareira/fogo (Casa Robie, Illinois, 1907-1910), quer na espacialidade mais orgânica e natural da Casa da Cascata (Pensilvânia, 1936), com a lareira assente directamente nos afloramentos rochosos.

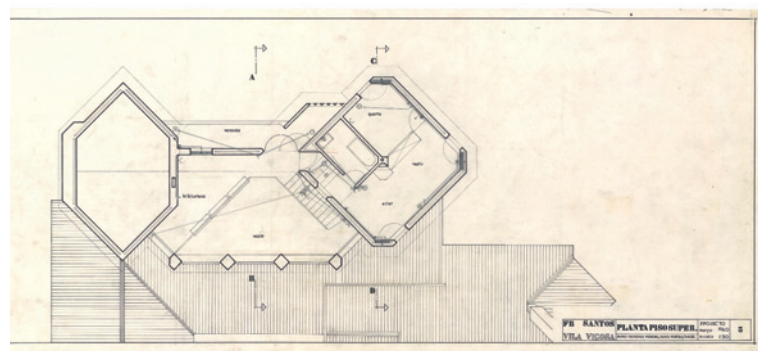
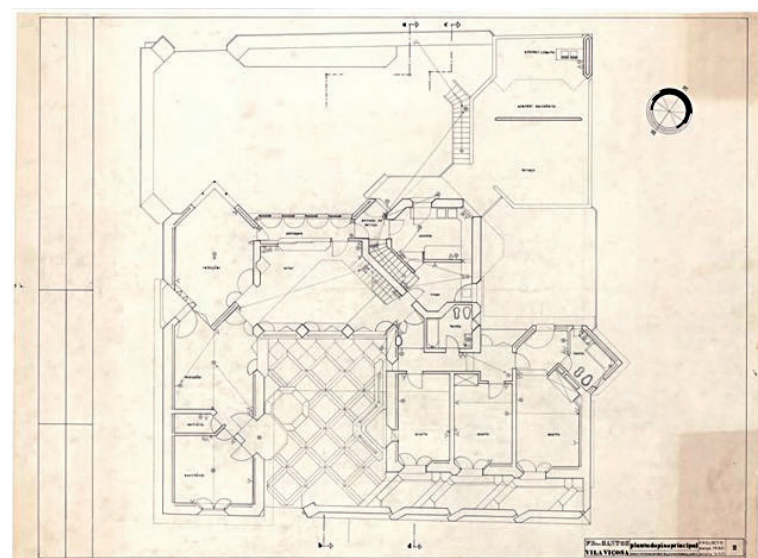
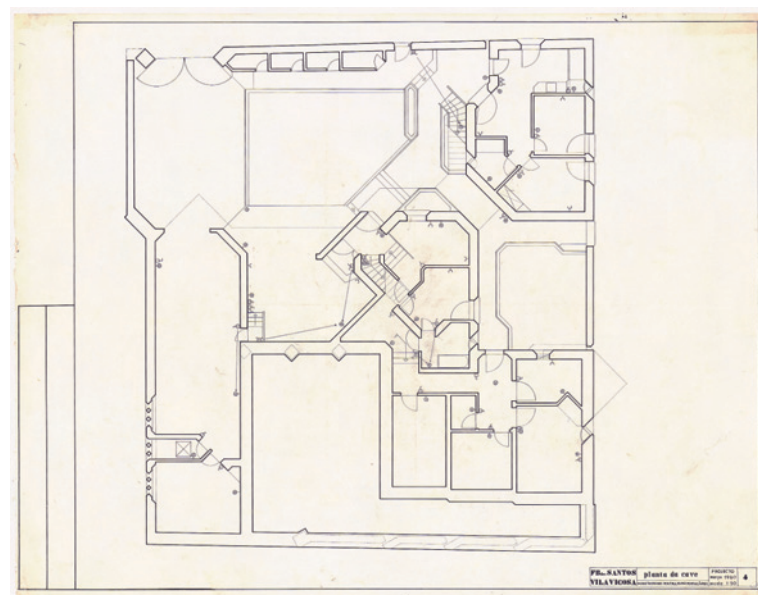
Em segundo lugar, podem citar-se as várias habitações (e outros projectos) onde se sentiu o fascínio de Frank Lloyd Wright pelo uso gerador da malha triangular/hexagonal, presente na sua obra desde os anos de 1920 até aos derradeiros de 1950, (...) *In his continuing quest to find a more flexible plan form, one that would result likewise in more flexible interior space, Wright found the hexagon, and the hexagonal unit, more desirable than either the square or rectangle (...)*²: no sentido do aumento da flexibilidade e da fluência dos espaços internos da habitação, por via da aplicação da malha geradora triangular/hexagonal, a Casa Honeycomb, para Paul e Jean Hanna, em Stanford, Califórnia, de 1936-1937, corresponde à sua primeira e mais conhecida realização — numa dimensão e escala “à americana” — privilegiando os ângulos de 120 graus (e os módulos hexagonais em consequência), pois facetou, em planta, por sistema, quase todos os vértices mais agudos; anteriormente, Frank Lloyd Wright tinha já desenhado uma experiência similar, na casa para Ralph e Wellington Cudney, em Chandler, no deserto do Arizona (1929), sem seguimento, mas que apresenta mais proximidade global com a casa de Luiz Alçada Baptista, na dimensão e na sua forma “triangular” global (embora em planta “aberta”, ao contrário da de Luiz Alçada Baptista, mediterraneamente mais “fechada”); na Auldbrass Plantation, para C. Leigh Stevens, em Yemassee, Carolina do Sul (1938-1942), Wright retomou o modelo triangular-hexagonal, aqui numa construção térrea com uso abundante de madeira; finalmente, na casa para Jorgine Boomer, em Phoenix, no Arizona (1953), a concepção triangular sobreleva, mas aqui sobretudo na volumetria ascendente dos “planos em bico” de cobertura da habitação (como de algum modo vemos suceder na casa de Luiz Alçada Baptista).

Wright aplicou, também, o tema da malha e da forma triangular em outros projectos e obras, não apenas no campo habitacional, como no desenho da torre para Nova Iorque, de 1927-1931, cuja forma “em suástica”, de forte componente simbólica, foi retomada décadas depois na edificada torre para a H. C. Price Company, em Bartlesville, no Oklahoma (1952-1956); e, mesmo no final do seu percurso criativo, quando elegeu a forma triangular como uma representação simbólica claramente sagrada, na sinagoga de Beth Sholom, em Elkins Park, na Pensilvânia (1953-1959), aqui, quer na planta rigorosamente triangular, quer na elevação e no volume principal do edifício.

Outras experiências em Portugal: obras de Nuno Teotónio Pereira/Nuno Portas, Maurício de Vasconcelos, Conceição Silva

Nas décadas da chamada “revisão do Movimento Moderno” (sobretudo entre 1965 e 1975), que, na arquitectura, procurava novas vias de expressão que fugissem ao “estafado” modelo racionalista da “caixa rectangular”, ortodoxo, para se interessar por outras formas de linguagem, como o organicismo, o neo-realismo, o brutalismo, etc., um dos temas que

3 | Vila Viçosa, casa de Francisco Barata dos Santos, plantas da cave, do piso principal e do piso superior, Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, 1960-1963.



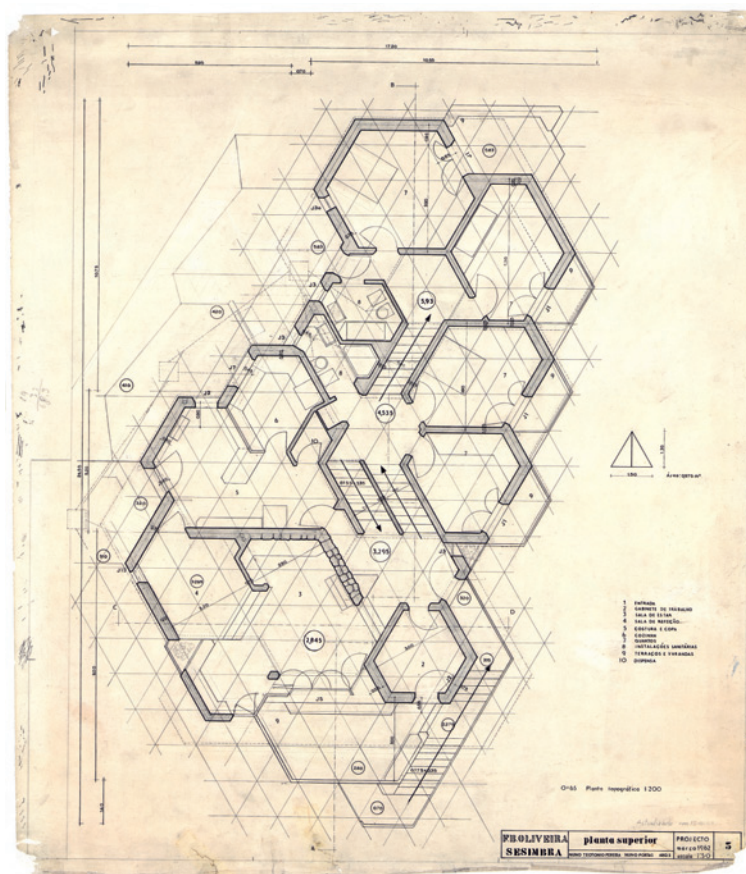
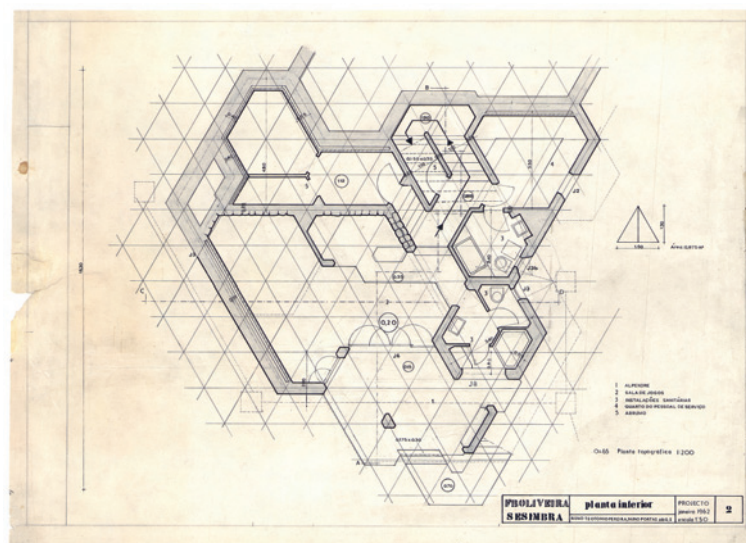
esteve mais presente foi o da releitura, em escolas de arquitectura e nas práticas profissionais dos *ateliers*, da “obra aberta” de Frank Lloyd Wright, longa de décadas, formalmente diversificada, múltipla e pluridimensional.

Exemplos arquetípicos, como o da Casa da Cascata, ou as inúmeras habitações da chamada “arquitectura orgânica usoniana” (como a designava Wright, casas “US”, ou seja, em inglês, próprias dos Estados Unidos), mereceram, então, uma nova atenção. A procura de uma nova relação, mais intensa e íntima, com os ambientes de contexto natural, onde as habitações se implantavam, ou a aplicação das malhas geradoras em triângulo e hexágono, decorreu desta tendência, caracterizando esta época.

Assim, em Portugal como noutros espaços europeus, houve uma série de experiências efectuadas por diversos autores, que, de algum modo, reflectiram na sua pesquisa projectual estas preocupações, sobretudo no campo da criação da habitação unifamiliar. Destacamos seguidamente alguns dos exemplos mais notáveis, em geral destacados pela crítica das últimas décadas:

— A casa para Francisco Barata dos Santos, projectada e edificada por Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, no tecido histórico de Vila Viçosa, em 1960-1963, corresponde possivelmente ao despoletar desta tendência em Portugal. Trata-se de uma casa-pátio, urbana, numa volumetria de “procura orgânica”, escalonada, em três pisos, inscrita num quarteirão de base sensivelmente quadrada, mas em que a malha geradora cruza o sistema ortogonal de base com um “outro” sistema ortogonal (a 45 graus com o primeiro) gerando, assim, os espaços hexagonais internos, próximos das experiências wrightianas. Embora de um modo não radical, uma vez que os ângulos deste tipo geram espaços, menos “dramáticos” ou menos “tensos”, do que os gerados pela malha triangular de 120 e 60 graus. A casa constituiu, na sua época, uma afirmação de modernidade no

4 | Venda do Pinheiro, casa de Domingos França, planta do piso 1, Maurício de Vasconcelos, s.d. (meados dos anos de 1960).



contexto tradicional dos centros históricos, ficando como um referente de qualidade;

— Do mesmo tipo da anterior (malha ortogonal cruzada com malha a 45 graus), a casa para Domingos França, em Charneca do Milharado, Venda do Pinheiro, por Maurício de Vasconcelos (que trabalhava com Luiz Alçada Baptista no GPA), dos meados dos anos 1960, tem a diferença de ser concebida como uma casa-bloco, de algum modo diluindo no seu espaço global a dinâmica expressiva dos espaços hexagonais, que se tornam mais visíveis como forma e desenho, do que como espacialidade interna;

— Datando da primeira metade da década de 1960, a casa para Sesimbra (nas imediações do Hotel do Mar), também por Nuno Portas e Nuno Teotó-

5 | Sesimbra, casa nas imediações do Hotel do Mar, plantas dos pisos inferior e superior, Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, s.d. (anos 1960).

nio Pereira, assumiu o padrão da malha triangular, de um modo mais próximo, em planta, do da “casa da serra” de Luiz Alçada Baptista. Desenvolvendo-se em dois pisos, “organicamente” escalonados por lances de degraus, acompanhando a encosta, a casa apresenta uma planta com os compartimentos sistematicamente em forma hexagonal (todos os “bicos” de 60 graus foram cortados, gerando apenas espaços com ângulos de 120 graus, mais “abertos” e fluidos). Na sua forma e no seu espaço global, relaciona-se directamente com a habitação “em favo” de Frank Lloyd Wright, para os Hanna, de 1936-1937, atrás mencionada.

Fora desta tipologia de malhas espaciais em ângulos não ortogonais, mas merecendo um destaque pela sua qualidade, pela marcação triangular (apenas “em elevação”), e por constituir uma casa de férias modulada, na proximidade da obra de Luiz Alçada Baptista na serra da Estrela, deve dar-se relevo à “casa de férias Torralta”, de 1972, nas Penhas da Saúde (na imediação e dependência do Hotel Torralta, da mesma época), que constitui uma obra notável, infelizmente muito desprezada, de Francisco da Conceição Silva.

Se a planta desta “casa mínima” se inscreve num simples rectângulo alongado, já o alçado —, e o correspondente espaço interno global — em triângulo equilátero perfeito, evoca a medida e a proporção da malha triangular utilizada na “casa da serra” de Luiz Alçada Baptista, ou na volumetria da sinagoga de Frank Lloyd Wright atrás mencionada. Os interiores originais, reflectindo um sentido de *design* moderno-orgânico (madeiras, cor natural, pedra), acentuam a expressão contextual desta proposta. Infelizmente, as poucas construções deste tipo existentes na área do hotel foram recentemente envolvidas e “asfixiadas” com uma urbanização densa, de sabor *kitsch*, de tipo “*chalet suíço*”, que as aviltam.

Uma ou duas conclusões sobre a arquitectura

Em conclusão, no contexto da comparação da “casa da serra” com modelos portugueses e internacionais, seus contemporâneos, deve acentuar-se a questão do “grau radical”, nos aspectos espacial e formal, da sua proposta de arquitectura.

Por um lado, pelo sistema de malha geradora triangular prevalecente — que domina, com os seus ângulos agudos, “provocadores”, não por formalismo, mas para conseguir uma “integração total”, uma espécie de “fusão” com o território onde se implanta, para tal “desconstruindo” uma eventual persistência de rigidez no seu organismo, despojando-o de uma “geometria dura”, como seria a quadrangular, e evitando, em contrapartida, o “amaciamento” que sucederia na malha triangular se fosse cortada nos seus ângulos.

De facto, de entre todas as propostas atrás analisadas, de Wright a Teotónio, é esta casa que mais espa-



ços com ângulos assumidamente a 60 graus exhibe na compartimentação (acentuada pelo predomínio de “cheios” sobre “vazios”), o que parece exprimir-se numa planta “agressiva”, cheia de “bicos”, mas onde, no “espaço real”, através do percorrer das áreas internas, podemos afinal sentir a capacidade de controlo do seu desenho e dos espaços resultantes (e ainda a naturalidade “vernácula” assumida na casa, por exemplo, na cobertura em chapa metálica ondulada aparente, opção tomada por ser simplesmente o sistema funcional mais adequado à protecção da casa no contexto dos extremos térmicos do clima local).

Há uma outra diferença, visceral, desta casa em relação às outras utilizadas neste texto para comparação — a expressão dos materiais nos seus espaços internos configura verdadeiramente uma “casa vernácula e moderna”, não resultando, assim, de modo algo surpreendente, no que convencionalmente se entende por uma “casa de arquitecto”. Há, de facto, em elementos das paredes resistentes (com pedras sem acabamentos, de texturas ásperas), ou na utilização dos madeiramentos (nos varandins, nas *loggias*, nas plataformas, em troncos de madeira “ao natural”, em muitos casos, nem sequer serrados) um tratamento expressivo que se diria hiper-vernáculo, com os materiais rudes (granito, madeiras, troncos), confirmando verdadeiramente um diálogo equilibrado e “resolvido”, mas também ele consumadamente radical, entre moderno e vernáculo.

Talvez a isso tenha sido compelido Luiz Alçada Baptista, ao contar, inevitavelmente, com a pouco especializada mão-de-obra local, mas, de qualquer modo, isso não retira valor à sua proposta, constituída hoje em caso único e/ou exemplar, antes a radica e consolida.

6 | Penhas da Saúde, casa Torralta, projecto de Conceição Silva, 1972.

7 | Covilhã, Casa da Serra, vista do alçado sul, projecto de Luiz Alçada Baptista, [1960-1970], fotografia de José Manuel Fernandes, 2009.



8 | Casa da Serra, vista do alçado posterior, projecto de Luiz Alçada Baptista, [1960-1970], fotografia de José Manuel Fernandes, 2009.



Um enquadramento histórico, geográfico, paisagístico das casas da “Tapada do Dr. António”, no Parque Natural da Serra da Estrela

LUÍS ALÇADA BAPTISTA

Quando António Alçada adquiriu, no século XIX, 230 hectares na serra da Estrela marcou os limites da propriedade (hoje reduzida a 130 hectares) com a inscrição das suas iniciais (AA) em afloramentos rochosos. Os pastores chamaram àquele lugar *a serra que ri*, também conhecido por “Tapada do Dr. António”, que se situa entre os 1200 e os 1400 metros de altitude e estende-se num vale, em torno da ribeira do Covão do Teixeira e dos seus afluentes.

Geomorfologia

A estrutura do relevo do terreno pode ser explicada a partir da escarpa do Curral do Vento que, com orientação norte/nordeste-sul/sudoeste, desnívela 150 metros, dois troços de superfície granítica relativamente planos. No seu sopé desenvolve-se o vale de fractura do Covão do Teixeira, a ribeira começa a encaixar-se ao longo de uma linha de fraqueza, no interior das formas maduras dum vale paralelo à escarpa. É um elemento da antiga superfície, com um relevo rejuvenescido pela erosão regressiva muito forte, ao longo da faixa de esmagamento. Este vale é percorrido por um conjunto de outros vales transver-

sais maduros, muito desenvolvidos e com boa conservação de formas (ribeiras da Nave da Areia, da Água Fria, da Malhada do Prior)³. O Covão do Teixeira é circunscrito, a norte, como se disse, pelo Curral dos Ventos, a nascente pelo Alto do Monteiro, a sul pela Pedra da Mesa e a poente pelo Alto da Pedrice.

Clima

Nas palavras de Orlando Ribeiro⁴, dois factos essenciais dominam o clima da serra da Estrela: a sua enorme massa e altitude e a proximidade do mar, cerca de 100 quilómetros. A frequência dos ventos de oeste, que penetram largamente pela bacia do Mondego para virem descarregar sobre a serra a sua humidade, explica a abundância de precipitações registadas pelas estações meteorológicas. Por isto, a serra da Estrela fica num limite climático da maior importância.

Na serra estendem-se planaltos e planícies bem regados e montanhas abundantes de chuva e de neve. Estas condições de clima não são indiferentes à organização da vida pastoril; elas determinam a oscilação transumante entre montanha fria e planícies de Inverno moderado. Ver-se-á como esta migração sazonal se reflectiu na Tapada do Dr. António, pela consciência das aptidões naturais da serra, complementares às das terras baixas, colmatando, assim, o ciclo anual do pastoreio.

(...) A montanha é, quase sempre, em relação à ribeira ou terra chã, zona desfavorecida. Menos povoada e menos produtiva. A parte mais elevada é inabitável durante os rigores do Inverno: se aí se fazem alguns trabalhos agrícolas, força é que o seu ciclo se desenvolva durante os meses frios, apoiando-se geralmente os homens nas povoações abrigadas dos vales, donde sobem aos cimos, temporariamente, para semear e colher. Daí a formação de habitações ou povoações temporárias, mal acomodadas, com casas que abrigam todos os membros da família ou apenas os trabalhadores. (...) Lugares altos onde durante o Estio se vão fazer as culturas. Por toda a parte o homem, sobretudo nas nossas regiões de velha civilização e de solo ocupado desde a antiguidade, se acostumou a tirar partido de condições naturais, até das menos favoráveis, e não há obstáculo que não procure vencer.

Além do recurso de certas culturas adaptadas à montanha, como a batata, e de produtos de qualidade inferior, menos cultivadas nas terras baixas como o centeio, resta ainda outra forma de integração das zonas elevadas na economia rural: o aproveitamento das pastagens naturais, tão frescas e viçosas na serra, quando o calor do verão seca, por toda a parte, a erva das planícies (...)⁵.

Pastoreio e transumância

Em virtude das condições descritas para esta altitude e, naturalmente, devido à abundância de água e

da sua permanência, formam-se na serra substepes de gramíneas. Estes extensos pastos verdes, naturais de cervum (*Nardus stricta*), são fundamentais para a pastorícia. A sua frequência é tal que houve tempos em que à serra da Estrela vinham pastar os rebanhos de terras distantes de Portugal e, até mesmo, de Espanha.

(...) *Esta parte do monte Hermínio, que vulgarmente chamam da Estrela, he a mais alta, e a mais celebre parte delle e serra altíssima onde continuamente há neve: a qual quando no verão se derrete, faz grandes e fermosos pasigos para muita criação de ovelhas que naquella serra, e seus contornos há, a que também os de entre o Tejo e Guadiana vem pastar seus gados (...)*⁶.

Hoje em dia, tal não se verifica. Os rebanhos transumantes que se encontram na montanha durante o estio provêm das terras baixas da Beira ou de aldeias serranas. Os rebanhos de terras graníticas são principalmente constituídos por ovelhas das raças Churra Mondegueira e Bordaleira Serra da Estrela, muito rústicas, caracterizadas por corpo pequeno e robusto, perfeitamente adaptadas ao clima e às adversidades montanas; são criados para produção de lã, leite, de que se faz o queijo da serra, carne e outras matérias-primas, como o couro. É ainda o estrume das reses que, devolvendo nutrientes às terras de pastagem, permite a cultura do centeio a grande altitude. As cabras, que se juntam às ovelhas, destinam-se a fornecer leite para alimento dos pastores e dos seus cães. Os ciclos transumantes podem ser sintetizados numa contextualização climática anual: com os degelos de Abril os guizos sobem a montanha, reforçados em Julho e Agosto pelos rebanhos alóctones às fraldas serranas; só em Outubro regressarão às terras baixas onde permanecerão toda a inverno. Estas jornadas migratórias são o último reduto de uma cultura nómada, responsável pelos primeiros traçados do território.

(...) *Escolhemos os trilhos como forma de expressão que acentua um lugar traçando fisicamente uma linha. O acto de atravessar, instrumento de conhecimento fenomenológico e de interpretação simbólica do território, é uma forma de leitura psicogeográfica do território comparável ao ‘walkabout’ dos aborígenes australianos (...)*⁷.

Todas as povoações agrícolas da encosta possuem os seus terrenos comunitários nas zonas mais altas da serra — os baldios. A estes acede-se por azinhas, nas zonas mais baixas, contornando-se terrenos privados; percorrendo muros de suporte para ultrapassar terrenos acidentados; e ainda, orientados por marcos referenciadores nos planaltos. Estas rotas de transumância, onde a pedra, enquanto matéria, se assume em diferenciados registos, constituem património cultural ímpar para um reconhecimento antropológico ou etnográfico da Estrela.

As rotas identificadas no Covão do Teixo passavam/vinham da Covilhã, Unhais da Serra, Bouça e

Aldeia do Carvalho. Uma observação mais cuidada revela que o Alto da Pedrice, uma grande cabeceira que divide duas bacias distintas (vale de Unhais e vale das Cortes), é o centro geográfico de circundantes rotas de transumância por aqui estabelecidas. O festo vence a encosta; o covão, a malhada e a assentada abrigam e alimentam rebanhos. O Covão do Teixo e, particularmente, a Tapada do Dr. António constituem um ponto fulcral de estabelecimento dos gados transumantes.

Estrutura e produção da tapada

É com base no contexto geográfico, cultural e socioeconómico esplanado que a tapada se constitui enquanto modelo extensivo de produção agro-silvo-pastoril. A tapada é produto da aquisição de inúmeras parcelas, durante as primeiras décadas do século XIX, chegando a perfazer 230 hectares. Os terrenos, criteriosamente seleccionados pela aptidão agro-silvo-pastoril, rapidamente sofreram transformações de fundo, de forma a maximizar as facultades firmadas.

A paisagem abundante em água é humanizada com critério. O conhecimento profundo das suas dinâmicas intrínsecas permite uma transformação, por indução dos sistemas naturais, trabalhando com eles e não contra. As energias são as da própria natureza não forçada. A transformação desta paisagem respeita os seus sistemas naturais dinâmicos, tirando partido destes para benefício humano. Afirma-se carácter e identidade. O sítio converte-se em lugar. A “paisagem natural” afirmou-se paisagem cultural dois séculos atrás.

As construções hidráulicas, os lameiros e as turfeiras demonstram a capacidade de entender as oportunidades do relevo, da hidrografia e da estrutura ecológica do Covão do Teixo. Não chega o que a natureza, por si, oferece em prados verdes de estio; não chega a terra arável de pequenos covões. Quer-se mais, de forma sustentada... Durável.

Um sistema de levadas de recepção desvia a água das ribeiras, conduzindo-a a tanques de decantação; estes retêm as areias e permitem a passagem da água para outros tanques, agora de armazenamento. Um sistema de comportas gere a saída para as levadas de distribuição, por onde a água é conduzida até atingir as estruturas de socacos, a meia encosta, que, então regados, constituem os lameiros ou prados de lima. Por vezes, o sistema hidráulico dispensa algumas levadas de recepção: é o caso do grande tanque, implantado no encontro da ribeira do Alto do Salgueiro com a ribeira do Covão do Teixo. Apenas a ribeira da Nave da Areia recorre à levada de recepção para adução a este tanque. Também os açudes implantados nas ribeiras dispensam estas primeiras levadas. Servem-se apenas das segundas — as de distribuição.

A maior carência da montanha é a disponibilidade de solo arável. Há que produzi-lo. Estruturas

muradas de pedra seca obstruem pequenas linhas de drenagem superficial. Escorrências de pequena concentração atravessam a pedra aparelhada, libertando-se da folhada aí retida. Estas turfeiras formam anualmente vários centímetros de solo que, posteriormente, vêm reforçar os lameiros, constituindo-se solos profundos, húmidos e férteis.

Também os ovinos que pastam nos prados de lima contribuem para essa correcção de solos. Os próprios lameiros partem deste princípio. Sempre projectados paralelamente às curvas de nível, formam tabuleiros onde a terra ganha espessura. Esta mesma regra empírica permite ainda quebrar pendores abruptos, que de outro modo seriam improdutivos e vulneráveis à erosão. As margens das ribeiras, sempre muradas, têm duas funções essenciais: o confinamento do circuito das águas da ribeira, com a salvaguarda do leito de cheia e consequente protecção das margens, e, mais uma vez, a formação de solo a montante dos muros constituindo, também nas margens, folhas agrícolas com solos profundos e húmidos.

Estes sistemas pétreos constituem a génese de uma nova paisagem, só completada pela formação do solo, pela pastagem nos prados de lima, pela produção de hortícolas e cerealíferas, pela exploração silvícola e, sobretudo, pela vivência das gentes da Estrela. A pedra é a matéria usada para a construção dos lameiros e turfeiras, tanques e açudes, passagens de carros de bois e, também, das levadas. Estas últimas, de leito formado por muros duplos de alvenaria de pedra ou por canais talhados nos afloramentos rochosos, quando necessário transpô-los.

A tapada é, portanto, um sistema agro-silvo-pastoril “forçado e de indução”. Forçado por não ser natural; de indução porque tira partido das potencialidades naturais. A grande procura do cervunal fresco nos meses de estio gera o aumento da oferta. O cervum, essa gramínea tenra que cobre o solo num tapete fofo e viçoso, espontâneo e sem cuidado humano, prolonga o seu ciclo, desde que a água abunde. Depois, as culturas complementares: as de regadio, como a batata, a feijoca ou o grão-de-bico; e as de sequeiro, como o centeio, a ocuparem os solos mais altos e pobres. Também as espécies florestais têm aqui um importante papel: o freixo, o vidoeiro e o bordo, a ocuparem depressões e covachos alagadiços, próximos da linha de água; ou o carvalho negral e o castanheiro, instalados nas zonas mais secas.

A Tapada do Dr. António, agora em recuperação, foi uma exploração extensiva agro-silvo-pastoril capaz de combinar a agricultura, a silvicultura e a pastorícia.

O tempo e o modo

(...) *A acção começa na consciência. A consciência, pela acção, insere-se no tempo. Assim, a consciência atenta e virtuosa procurará o modo de influir no*

*tempo. Por isso, se a consciência for atenta e virtuosa, assim será o tempo e o modo (...)*⁸.

O Tempo e o Modo foi, como disse Bénard da Costa, (...) *o piano de uma geração que rejeitava simultaneamente a ditadura, o velho republicanismo jacobino e o partido comunista (...)*. *O Tempo e o Modo* constituiu o prenúncio claro de que se preparava uma mudança radical na vida portuguesa.

A revista foi fundada em 29 de Janeiro de 1963 e teve como primeiro director precisamente António Alçada Baptista. Ligada à Editora Moraes e à colecção do *Círculo do Humanismo Cristão*, mobiliza, na sua primeira fase, uma série de intelectuais católicos críticos do salazarismo, como Nuno de Bragança, Pedro Tamen, João Bénard da Costa, Alberto Vaz da Silva, Mário Murteira, Adérito Sedas Nunes, Francisco Lino Neto, Orlando de Carvalho, Mário Brochado Coelho. Alarga-se, depois, a outros sectores da esquerda, como Mário Soares e Salgado Zenha, vindos do MUD, ao, então comunista, Mário Sottomayor Cardia e à jovem geração de líderes estudantis, como Manuel Lucena, Vítor Wengorovius e Medeiros Ferreira. Esta última acaba por preponderar na revista, mobilizando Vasco Pulido Valente.

Em 1967-1968, a revista perde as raízes personalistas e católicas e vira ainda mais à esquerda, iluminada pelos fulgores do Maio de 1968, sob a direcção de Bénard da Costa e de Helena Vaz da Silva e com a entrada de Luís Salgado Matos e Júlio Castro Caldas. Colaboram então futuros socialistas e comunistas como Alfredo Barroso, Jaime Gama, José Luís Nunes, António Reis, Luís Miguel Cintra, Jorge Silva e Melo, Nuno Júdice e Manuel Gusmão.

Em 1970, numa maior guinada à esquerda, a revista passa a ser porta-voz do maoísmo lusitano, com a entrada de Arnaldo Matos e Amadeu Lopes Sabino. Edgar Morin, referenciando-se a este movimento, escreveria certo dia: (...) *Eles partiram de um catolicismo que se tornava cada vez mais social, abrindo-se a todas as correntes de cultura, incluindo as da contracultura. Tiveram em curtos anos uma evolução comparável a meio século (...)*⁹.

(...) *Entre os anos 60 e os anos 70 (depois de O Tempo e Modo e antes de Abril) passei sempre algum tempo dos meses de Verão, com a Zézinha e com o António Alçada, na Casa da Serra, que sempre me pareceu, metida nas rochas, a casa do Johnny Guitar.*

Se a memória me não falha, dormia num anexo e, no verão de 67, o Nuno de Bragança, que também lá estava, gravou-me um sonho em voz alta, em noite febril. Nesse mesmo ano, deixámos os dois crescer a barba, que em mim ficou, para sempre.

Lembro-me das torradas e da Inês. Lembro-me de ler Guimarães Rosa para a Zézinha e Proust para mim. Lembro-me dos banhos numa ‘piscina’ natural entre os rochedos. Lembro-me de histórias contadas à noite para as crianças terem pesadelos.

‘Uma casa é a coisa mais importante da vida’ escreveu Ruy Belo. Essa Casa da Serra foi importante

para a minha vida, e para a vida de um tempo entre a amizade e o amor. Não ma tirem. Quer a Casa desses verões quer a casa da neve de tantos Carnavais em que à neve íamos buscar o gelo para os vodkas. Vivi nela algo do que se pode chamar perfeita alegria. Quem a deu merece guardá-la. Abrigo nosso, abrigo vosso (...) ¹⁰.

Muitos dos amigos que conviveram nas casas da serra foram ilustres co-autores de uma revista marcante da cultura portuguesa do século XX. Nas casas da serra, juntavam-se em ambiente tertuliano e consolidavam o ideal humanista. A imagem do “António que cavava batatas”, na fraterna companhia dos seus amigos, conversando sobre banalidades e projectos enquanto se preparavam os terrenos de cultivo, é manifesto símbolo desse espírito.

Este é pois um lugar da memória de *O Tempo e o Modo* onde, entre outros, aqui conviveram: António Alçada Baptista, Helena e Alberto Vaz da Silva, João Bénard da Costa, Nuno Bragança, José Cardoso Pires, Eduardo Prado Coelho, Jorge Amado, Zélia Gattai, Pedro Tamen e Vasco Pulido Valente. Aqui escreveram: António Alçada Baptista, *Peregrinação Interior*; José Cardoso Pires, *O Delfim*; e, ainda, Jorge Amado que, nas suas memórias *Navegação de Cabotagem* se refere a estas casas e aos momentos que nelas passou.

Nas casas da serra preparava-se uma nova sociedade: desmantelavam-se dogmas, abalavam-se poderes instituídos, questionavam-se posições clericais. Nas casas da serra preparava-se Abril.

Conclusão final, de âmbito geral

Concluimos que estamos perante património singular com interesses plurais: o material florístico e fitocénótico de elevada valia para a conservação da natureza e valorização da biodiversidade, onde se integram habitantes de interesse prioritário; o sistema de produção da tapada, registo socioeconómico ancestral de grande valor etnográfico ou antropológico; o sistema hidráulico e das turfeiras bicentenários, testemunho do engenho humano, capaz de suprir as adversidades serranas em equilíbrio ambiental; as casas, elementos notáveis do segundo modernismo português; a herança de *O Tempo e o Modo* na sociedade portuguesa e o palco deste movimento.

(...) *Na sociedade actual, a cultura poderá ser a salvação da alma, evitando o apagamento da nossa identidade (...)* ¹¹.

José Manuel Fernandes
Arquitecto

Luís Alçada Baptista
Arquitecto Paisagista

Imagens: 1 e 2: Luís S. D. Alçada Baptista;
3 e 5: Sistema de Inventário para o Património Arquitectónico/IHRU;
4: Ateliê de Maurício de Vasconcelos;
6: Ateliê de Conceição Silva;
7 e 8: José Manuel Fernandes.

NOTAS

Agradecimentos ao arquitecto paisagista Luís Alçada Baptista pela co-autoria do texto, e pelas informações, documentação e acompanhamento prestado.

- ¹ Cf. carta pelo autor citado, 2009.
- ² Bruce Brooks PFEIFFER; Peter GOSSEL (ed.); Gabriele LEUTHAUSER (ed.) — *Frank Lloyd Wright*, p.125.
- ³ Fundamentado na leitura de Orlando RIBEIRO — “Estrutura e relevo da serra da Estrela”. *Boletim de la Real Sociedad Española de Historia Natural*. Madrid, 1954.
- ⁴ Orlando RIBEIRO — *Opúsculos Geográficos. VI. Estudos Regionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989-1995.
- ⁵ Orlando RIBEIRO — *Opúsculos Geográficos. VI. Estudos Regionais*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989-1995.
- ⁶ Duarte Nunes de LEÃO, historiador português (Évora, 1530?-Lisboa, 1608) — “Beira Baixa e Beira Alta”. *Guia de Portugal*. Lisboa: Biblioteca Nacional de Lisboa, 1944, vol. III.
- ⁷ Francesco CARERI; Libero ANDREOTTI (ed.); Xavier COSTA (ed.) — *Psico-geografia: estudio de los efectos precisos del medio geografico, acondicionado o no conscientemente sobre el comportamiento afectivo de los individuos, Internationale Situationniste*, 1958; *Teoria de la deriva y otros textos situacionistas sobre la ciudad*. Barcelona: Museu d'Art Contemporani de Barcelona; Actar, 1996.
- ⁸ Pedro Tamen, editor literário de *O Tempo e o Modo*.
- ⁹ Citação de Edgar Morin, retirado da revista *Visão*, 11 (Dez.) 2003, em texto escrito por Fernando Dacosta.
- ¹⁰ Texto escrito por João Bénard da Costa.
- ¹¹ António Alçada BAPTISTA — 75.º Aniversário do Orfeão da Covilhã. Covilhã: Câmara Municipal da Covilhã, 22 (Nov.) 2001.

DOCUMENTOS CONSULTADOS RELATIVOS AO PROCESSO DE CLASSIFICAÇÃO COMO PATRIMÓNIO DA TAPADA DO DR. ANTÓNIO, VALE DO COVÃO DO TEIXO, PARQUE NATURAL DA SERRA DA ESTRELA:

- Centro Nacional de Cultura, Guilherme de Oliveira Martins, *Declaração*, 1 Ago. 2008, texto policopiado.
- Curriculum Vitae Luiz Alçada Baptista arquitecto*, s/d, texto policopiado.
- Delegação da Ordem dos Arquitectos do Distrito de Castelo Branco, José da Conceição Afonso, *Eventual Classificação da “Tapada do Dr. António”*, 23 Fev. 2008, texto policopiado.
- José Manuel Pereira Branco de Mascarenhas, António Francisco de Carvalho Quintela, *Parecer sobre o sistema hidráulico de captação e condução de água para um lameiro do Vale da Lomba*, no Concelho da Covilhã, 6 Out. 2007, texto policopiado.
- Luís S. D. Alçada Baptista, *Levantamento da casa de Luís Alçada Baptista arquitecto na Serra da Estrela, escala 1/100*.
- Luís S. D. Alçada Baptista, *Tapada do Dr. António. Vale do Covão do Teixeira. Parque Natural da Serra da Estrela, Memória Descritiva*, 29 Jul. 2008, texto policopiado.
- Provedor da Arquitectura, Ordem dos Arquitectos, Francisco Silva Dias, carta dirigida ao presidente da Câmara Municipal da Covilhã, datada de 4 Out. 2007, texto policopiado.
- Universidade de Évora, Carlos José Pinto Gomes, *Parecer, Barragem Penhas da Saúde (Ribeira do Covão do Teixeira)*, s.d., texto policopiado.

BIBLIOGRAFIA

- “Casa de Domingos França”. In PAULA, Rui Mendes (dir.) — *Arquitectura*. Lisboa: Iniciativas Culturais Arte e Técnica, (Mai.-Jun.) 1969, n.º 109, pp. 116-119.
- DIAS, Manuel Graça — “Uma casa do seu tempo”. *Monumentos. Dossiê: Paço Ducale de Vila Viçosa*. Lisboa: Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais, (Mar.) 1997, n.º 6, pp. 64-67.
- FERNANDES, José Manuel — “Pequenas Jóias”. *Anos 60/Anos de Ruptura/Arquitectura Portuguesa nos Anos Sessenta*. Lisboa: Livros Horizonte; Lisboa'94 Capital Europeia da Cultura, 1994, catálogo de exposição.
- PEREIRA, Nuno Teotónio; PORTAS, Nuno — “Habitação em Sesimbra”. In PAULA, Rui Mendes (dir.) — *Arquitectura*. Lisboa: Iniciativas Culturais Arte e Técnica, (Mai.-Jun.) 1966, n.º 93, pp. 114-119.
- PFEIFFER, Bruce Brooks; GOSSEL, Peter (ed.); LEUTHAUSER, Gabriele (ed.) — *Frank Lloyd Wright*. Nuremberga: Taschen, 1991, pp. 124-126 e 166-167.
- RILEY, Terence (ed.); REED, Peter (ed.) — *Frank Lloyd Wright Architect*. Nova Iorque: Museu de Arte Moderna, 1994, pp. 216, 222-223, 254-255, 266-267, 290-291 e 310-311, catálogo de exposição.
- SILVA, João Pedro Conceição; CONCEIÇÃO, Francisco Manuel (coord.) — *Francisco da Conceição Silva arquitecto 1922-1982*. Lisboa: Sociedade Nacional de Belas-Artes, 1987, pp. 126-127, catálogo de exposição.